

# **Género: Aneéotas**

Lado A

Cassete nº1/2003/Paula Almeida

Classificação: Anekdota

Título: [A cabeleireira e o membro do Partido Socialista]

Informante: Fátima de Jesus Teles Varela Pintão dos Reis

Idade: 30 anos

Naturalidade: S. Lourenço, Portalegre

Residência: Faro

Profissão: Professora Primária

Habilitações literárias: Licenciatura

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 30/01/2003

Coletora: Paula Maria Santos Almeida

Transcrição:

Então, a história passa-se com um casal que se conhece num bar, à noite e, depois de beberem uns copos, decidem ir passar a noite a um hotel. E, então, passam uma noite e passam uma noite bastante divertida e, na madrugada seguinte, ele propõe-lhe adivinhar aquilo que ela faz. E ela irá adivinhar, também, qual é a profissão dele. E ele começa por dizer que, com toda a certeza, ela é cabeleireira e, realmente, era. E ela quer saber o porquê e diz-lhe:

- Mas como é que adivinhaste?

E ele disse:

- Olha, pela forma como tocaste no cabelo.

- Então, já agora, também vou adivinhar o que é que tu és.

- Tu és membro do Partido Socialista.

- Realmente sou. Mas, porquê?

- Pois, porque, quando estavas por baixo, gritavas, gritavas e quando estavas por cima, não sabias o que fazer.

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [A galinha e o boi]

Informante: Jorge Manuel Granja Reis

Idade: 55 anos

Profissão: Motorista

Naturalidade: Quelfes, concelho de Olhão, distrito de Faro

Habilitações literárias: 4ª classe

Residente em Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

A galinha e a vaca [boi] encontraram-se os dois... as duas na pastagem. A galinha com muitos filhos e a vaca [boi] só com um bezerro. E a vaca [boi] vinha pastando e ao mesmo tempo com a língua dava aquelas trombadas nos pintos e os pintos lá iam de patas ao ar. E a galinha disse:

- Ó tu, vê lá se levas cuidado com os meus filhinhos!

E a vaca [boi] dizia assim:

- Cala-te, grande puta! [Risos]

Disse [a galinha] assim:

- Estás-me a chamar de puta porquê?

- Então, tu levas no cu todos os dias...!

E a galinha respondeu para a vaca [boi]:

- Então, é por causa disso que tu tens os cornos tão grandes! Porque só fazes isso uma vez por ano! [Risos]

Era para o boi... para o boi... assim é que era... era o boi com a galinha, assim é que era [explica o informante].

70

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [A namorada do Marquês de Pombal]

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residente em Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

[O Marquês de] Pombal namorava uma rapariga muito bonita e o padre, no fim da missa, ia fazer confessar as senhoras. E ele estava metido lá dentro do confessional e quando era uma que era muito bonita, que ele engraçava com ela, tinha uma, uma tranca na porta, na janela, deixava cair a tranca em cima da cabeça. Ficavam trincadas lá dentro. Ele depois vinha por detrás toca a confessá-las cá por detrás [Risos].

Uma rapariga, que era a namorada do, do Bocage [engano do informante], do Marquês de Pombal, foi... a mãe diz:

- Ó filha, tens que ir confessar, tens que ir confessar, confessar ao padre.

E ela foi. Foi, quando chegou à vez dela, foi uma à frente dela, e ela ouviu uma grande gargalhada, uma grande coisa, pôs-se a espreitar. Ora, viu o padre estar a confessar a, a rapariga por detrás e disse:

- Alto lá! Isso não é comigo!

Fugiu para trás, disse que tinha deixado a panela ao fogo, que o comer queimava-se, veio-se embora. Veio de lá, contou ao namorado o que se tinha passado. Ele diz assim:

- Então, deixa... para a semana vais, dizes ao padre que não sabes meter a cabeça para ele te vir ensinar como é que se mete a cabeça.

Ora, o padre já estava de roda da moça. Muito bonita e coiso... e ela não havia de meter a cabeça. Diz ela assim:

- Ó senhor padre, venha já me ensinar.

O padre veio, diz assim:

- Faça assim! Meta a cabeça...

Ele [o Marquês de Pombal] estava lá escondido, trinca-lhe a cabeça [ao padre] e vai buscar um chibo, que tinha trazido um, um chibo, que tinha passado a noite sem mamar. E um litro de leite. Deitou. Puxou as calças do padre, deitou uma pinga de leite no pescoço. Ora, aquilo foi correndo por aí abaixo. Foi correndo na “teta”. Ora, o chibo sentiu o gosto do leite... Bumba! Toca a chupar! [Risos] A chupar aí! E depois já não tinha leite (ora, os chibos quando não sentem leite, começam a dar sacudaços no coiso...) e o padre, o pobre do padre todo à rasca a gritar. Não podia fazer nada.

As outras mulheres já estavam à espera da vez delas e dizem:

- Oh, mas então o senhor prior não vem? O que é isto?

Foram chamar o sacristão. O sacristão veio a fugir, veio ver o que é que se passava. Chega à sacristia vê o, o padre com o chibo entre o meio das pernas, foi a caminho do sino a fugir logo a tocar, que tinha acontecido um milagre. A puxar o sino (que naquele tempo era... os sinais eram, o fogo era de uma maneira, os acidentes era de outra, era tudo assinalado pelo sino). Ele veio, viu o padre com o chibo entre o meio das pernas, veio tocar o sino como tinha sido um milagre que se tinha acontecido. A família veio toda a fugir a ver, quando veem o padre com o chibo entre o meio das pernas.

- Um milagre, senhor prior teve um filho!

Passou por ser um milagre [Risos].

(Cassete nº 6/2011/Elisabete Reis)<sup>1</sup>

**Coletora:** E por que é que o Marquês de Pombal tinha zanga aos padres?

**Informante:** Porque a religião dele não dava com os padres.

**Coletora:** E por que é que os padres às vezes saem anedotas?

**Informante:** Pois havia muitas anedotas dos padres.

**Coletora:** Mas porquê? O que é que os padres têm que são...

---

<sup>1</sup> Os comentários encontram-se numa cassete diferente daquela em que está a anedota propriamente dita.

**Informante:** Pois, muita família não, não engraçava com eles.

**Coletora:** Porquê?

**Informante:** Não, não pendiam.

**Coletora:** Mas porquê? Eram más pessoas?

**Informante:** Porque os padres tinham aquela coisa de, de ir para a confissão para saberem as conversas das mulheres e coiso. Iam confessá-las e, depois, muitas diziam que não tinham marido, que não coiso... cada uma dizia a sua e ele aproveitava a ocasião para as “confessar”.

71

Lado A

Cassete nº2/2004/Ana Cabrita

Classificação: Anekdota

Título: [A noz e a castanha]

[Informante: Piedade Maria Clara]

[Idade: 86 anos]

[Naturalidade: S. Marcos da Serra]

[Profissão: reformada]

[Habilitações literárias: analfabeta]

[Localidade onde aprendeu o texto: S. Marcos da Serra]

[Com quem aprendeu o texto: com os pais]

[Quando se recitava ou cantava o texto: num grupo de pessoas]

[Motivo porque gosta do texto: por entretenimento]

Local da recolha: Silves

Data da recolha: 08/12/2004

Coletora: Ana Filipa Coelho Cabrita

Transcrição:

Era um senhor que ia por uma estrada a fora,

E ia outro atrás mas ele não o via,

Depois, largou um grande marmelo<sup>2</sup> e disse assim:

“Oh, tamanho de uma noz!”.

E, depois, ia mais adiante deu outro: “Ai, que bela castanha!”

E, depois, foi mais acima, viu o homem ir atrás, disse assim:

“Então, há muito tempo que o senhor vem aí atrás de mim?”

Ele disse assim: “Da castanha até à noz tenho vindo atrás de vós.” [Risos]

---

<sup>2</sup> Marmelo=peido

Lado B

Cassete nº2/2002/Elisabete Reis

Classificação: Anekdota

Título: [Ao pé do cu, ao rés do cu]

Informante: Maria do Carmo Rosa Martins

Idade: 71 anos

Naturalidade: Zambujal, freguesia de Alte, concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Doméstica

Habilitações literárias: Escola primária (4ºano)

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 28/12/2002

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Um rapaz que era muito rico, mas não era muito esperto e então era má de casar. Depois havia lá uma moça pobre, mas como ele tinha muito, pois casou com ele. Casou com ele, ele esteve na casa dela uns tempos, uns dias. E depois um dia apresentou-se na casa da mãe:

- Então, vieste-te embora?
- Eu já me aborreço de estar casado.
- Então ela não te deu nada?
- Deu... não deu.
- Ah! Mas ela tem uma coisa para te dar.
- Aonde é que ela tem essa coisa? [Risos]
- Está ao pé do cu, e ao rés do cu.

Lá abala ele. Tinha uma ribeira pelo caminho, tinha que passar a ribeira e não havia pontes. Tinha umas pedras, servindo de passadeiras. Ele ia andando por cima das passadeiras, escorrega-lhe um pé. Pois para não cair esqueceu-se da palavra [ao pé do cu ao rés do cu]. Depois andava por cima das passadeiras para cá para lá:

- Aqui te perdi, aqui te hei de achar! Aqui te perdi, aqui te hei de achar!

Passou outro homem e disse assim:

- Boa tarde, camarada!

Nada, não respondia nada.

- Aqui te perdi, aqui te hei de achar!

O outro tanta vez lhe disse, até que disse assim:

- Ora ventas no cu, camarada!

- Obrigado camarada, ao pé do cu, ao rés do cu.

E lá foi andando. [Risos]

73

Lado B

Cassete nº1/2004/Cláudia Santos

Classificação: Anekdota

Título: [As papas de milho]

Informante: Maria Luísa do Carmo Madeira

Idade: 74 anos (1930)

Naturalidade: Manta Rota, concelho de Vila Real S. António, distrito de Faro

[Profissão: A informante trabalhava no campo na apanha de figos, de amêndoas e da alfarroba]

[Habilitações literárias: 3º ano de escolaridade]

Local da recolha: Concelho de Vila Real de Santo António

Data da recolha: 21/11/2004

Coletora: Cláudia Sofia Cabrita dos Santos

Transcrição:

Era uma, uma senhora que não eram nem ricos nem pobres, era arremediados. E então tinham um filho, tinham também uma filha, mas a conversa foi com o filho. E então, à hora do almoço ia a chamar... faziam muitas papas... no outro tempo faziam-se mais... no outro tempo era comer dos pobres. Mas hoje, papas de milho é comer de ricos já. Uns chamam xarém outros chamam o milho, lá para os lados de Olhão, chamam xarém. Cá, em Cacela, é milho. Papas de milho.

E então o moço ia a brincar e a mãe quando chegou a hora do almoço disse assim:

- Ó José António, meu filho, vem almoçar!
- Eu não quero papas, minha mãe!
- Não é papas, meu filho, é carne guisada com batatas!

Lado A

Cassete nº2/2003/Anabela Frade

Classificação: Anedota

Título: [As vacas loucas]

Informante: Anabela Zeferino Frade

Idade: 20 anos

Naturalidade: Boliqueime, Concelho de Loulé, Distrito de Faro.

Habilitações literárias: Frequenta o terceiro ano do curso de Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses, na Universidade do Algarve

Local da recolha: Albufeira, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Data da recolha: 19/02/2003

Coletora: Anabela Zeferino Frade

Transcrição:

Agora, vou ser eu a informante e vou dizer uma anedota. A anedota era assim. Havia uma jornalista que foi fazer uma entrevista a um camponês para ver se encontrava uma explicação para a doença das vacas loucas.

Portanto! Ela chega ao pé dele, apresenta-se e pergunta se ele sabe por que é que esta doença apareceu. E o camponês vira-se para ela:

- Ó menina, a menina sabe que o boi dá uma queca na vaca apenas uma vez por ano?

Ela ficou um bocado embaraçada, porque não era aquela resposta que ela estava à espera de ouvir e volta a perguntar:

- Então, mas o que é que isso... Mas e a doença das vacas loucas?

Vira-se ele:

- Bem, menina, você sabe que nós mugimos as vacas quatro vezes por dia?

E ela, na sua, ficou espantada e vira-se ela:

- Então, e isso o que é que tem a ver com as vaca loucas?

Vira-se ele:

- Ó menina, se lhe mexessem quatro vezes nas mamas e só lhe dessem uma queca por ano você não ficava louca?

75

Lado B

Cassete nº1/2003/Anabela Frade

Classificação: Anedota

Título: [A testemunha de Jeová]

Informante: Maria José

Idade: 64 anos

Naturalidade: freguesia do Ameixial, concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Toda a sua vida foi doméstica

Habilitações literárias: Tem o quarto ano de escolaridade

Local da recolha: Albufeira, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Data da recolha: 05/02/2003

Coletora: Anabela Zeferino Frade

Transcrição:

Uma vez, vinha um, um que era testemunha do Jeová. Depois, vinha... vinha do Alentejo, vinha para o Algarve, e veio ali a Grândola, e foi ao café. E diz ele assim:

- Ah... Está aqui alguém que queira ser testemunha do Jeová?

Estava lá um alentejano e disse-lhe assim:

- Não senhor, homem, pois a gente não viu o acidente, como é que a gente pode ser testemunha?<sup>3</sup>

Bom! O homem abalou. Viu que não tirava dali nada, abalou. Vem cá à frente, diz ele:

- Agora não sei se é esta estrada que vai para o Algarve. Deixa-me lá ir procurar ali.

Depois, foi, procurou:

- É esta estrada que vai para o Algarve?

Diz o alentejano:

- Ó Homem, não nos leve a estrada para o Algarve, que a gente temos [*sic*] cá falta dela<sup>4</sup>. [Risos]

---

<sup>3</sup> A informante imita a pronúncia alentejana.

<sup>4</sup> O informante imita a pronúncia alentejana.

**76**

Lado B

Cassete nº1/2003/Anabela Frade

Classificação: Anekdota

Título: [Carlos Cruz e a canja]

Informante: António Manuel

Idade: 50 anos

Naturalidade: Albufeira, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Local da recolha: Santa Eulália, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Data da recolha: 06/02/2003

Coletora: Anabela Zeferino Frade

Transcrição:

Sabe porque é que o Carlos Cruz quer fazer greve de fome?

Porque a canja que ele comeu não tinha miúdos. [Risos]

77

Lado B

Cassete nº1/2003/Anabela Frade

Classificação: Anedota

Título: [Carlos Cruz e o garoto]

Informante: António Manuel

Idade: 50 anos

Naturalidade: Albufeira, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Local da recolha: Santa Eulália, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Data da recolha: 06/02/2003

Coletora: Anabela Zeferino Frade

Transcrição:

A bebida preferida dele [Carlos Cruz] é o garoto.

**Nota:** O informante dá apenas a resposta à pergunta da anedota. Mas percebe-se pela pergunta da coletora, “E a outra?”, que o informante já tinha dito a anedota completa, antes de a coletora a gravar. A forma completa seria pois algo do género:

[Sabe qual é a bebida preferida de Carlos Cruz?]

A bebida preferida dele é o garoto.

**78**

Lado B

Cassete nº1/2003/Anabela Frade

Classificação: Anekdota

Título: [Carlos Cruz e o Portugal dos Pequeninos]

Informante: António Manuel

Idade: 50 anos

Naturalidade: Albufeira, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Local da recolha: Santa Eulália, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Data da recolha: 06/02/2003

Coletora: Anabela Zeferino Frade

Transcrição:

Sabe porque é que o Carlos Cruz quer a transferência para Coimbra?

Porque há o Portugal dos Pequeninos. [Risos]

79

Lado B

Cassete nº3/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anekdota

Título: [Como se vai para o céu?]

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 19/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Agora, os rapazes com o computador o *Magalhães* também podem fazer procuras<sup>5</sup> aos professores. O professor estava a fazer procuras e os rapazes, uns sabiam, outros não sabiam e houve um que não soube. O professor disse:

- Ah, tu então, não sabes as coisas?

Diz ele:

- Então, também o senhor professor não sabe!

- Não, não sei o quê? O que é que tu dizes?

- Não sabe como é que se vai para o céu.

- Então, como é que se vai para o céu? Vai-se para o céu é fazendo bem, uns aos outros, não fazendo pouco de cada um para que Deus nos guarde um lugar no céu.

A Mariazinha estava lá ao fundo ouviu, disse:

- Não! Não é não, senhor professor! Vai-se para o céu é com as mãos no ar!

Assim com as mãos no ar!

- Então, porquê, Maria?

---

<sup>5</sup> Procuras = perguntas.

- Porque eu fui à missa com a minha avó e, no fim da missa, o senhor prior disse: “agora vamos rezar um Pai-nosso e uma Avé Maria para que Deus Nosso Senhor nos guarde um lugar no céu, para a gente ir para o céu” e a família pôs-se tudo com as mãos no ar.

O Joãozinho estava lá no fundo e disse assim:

- Não, não é assim, senhor professor! Quando se vai para o céu é com os pés no ar!

- Então porquê, Joãozinho?

- Eu na noite fui à casa de banho e passei à porta do quarto da minha mãe e ouvi o meu pai dizer: “Ai, que vou para o céu!”, a minha mãe dizia: “ Ai, que vou para o céu! Ai, que vou para o céu!”. E eu fui, olhei pela greta da porta, vi a minha mãe estar com os pés no ar e o meu pai em cima dela a segurá-la para ela não ir para o céu, que ela dizia que ia para o céu. E o meu pai estava em cima dela a segurar para ela não ir para o céu. E ela só dizia: “ Ai que eu vou para o céu, ai que vou para o céu”... Ela estava com as pernas no ar, é com as pernas no ar que se vai para o céu... voilà.

Lado A

Cassete nº2/2002/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O alentejano em Lisboa]

Informante: Maria do Carmo Rosa Martins

Idade: 71 anos

Naturalidade: Zambujal, freguesia de Alte, concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Doméstica

Habilitações literárias: Escola primária (4ºano)

Aprendeu com uma amiga da filha que conhecia muitas anedotas e com homens mais velhos

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 28/12/2002

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Era um, um homem que... um alentejano, que foi dormir, foi passear a Lisboa e depois à noite foi dormir a um hotel. Depois viu uma cama tão fina, mas não sabia se existia casas de banho. Encheu-se de nervos, não estava tão habituado a dormir numas camas tão finas e em lençóis tão brancos. Com os nervos deu-lhe vontade de fazer as necessidades dele. E não encontrou lugar nenhum pensou:

- Onde é que eu faço, mas como é que eu faço?

Mas como não encontrou lugar nenhum fez dentro de um peúgo. Mas aquilo era mole e no outro dia de manhã ele pensou:

- Eu tenho que vazar o peúgo, mas como é que hei de fazer?

Começou a andar com o peúgo à roda, a andar a andar salpicou as paredes todas e o teto. E depois envergonhado não saía de lá para fora. Chegou a mulher das limpezas e diz-lhe ele:

- Ó minha senhora, eu dou-lhe 10 tostões para a senhora limpar isto (que eram as paredes e o teto). Ela pôs-se a olhar e disse assim:

- Eu dou-lhe 10 escudos para o senhor dizer em que posição pôs o cu. [Risos]

**81**

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O Bocage a cagar]

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Era assim:

- Ó Bocage, és capaz de ir cagar dentro da, da casa do rei?

- Sou, sim senhora!

- Mas tens de cagar e não mijar, han?!

- Sim, senhor!

Ele entrou para dentro, foi lá atrás do coiso, depois pôs-se à janela, começou a mijar para fora e o calhau a cair para dentro. Diz ele:

- Vês? Já, já caguei e não mije. Vai lá a ver se está lá algum mijo?

Não estava mijo nenhum, que o calhau tinha caído para dentro e o mijo tinha caído para a rua. Safou-se não... o rei...

82

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O Bocage e a rainha]

Informante: Francisco Mestre Santos

Idade: 82 anos

Profissão: [reformado]

Naturalidade: S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez no quartel quando foi militar

[Residência: Quarteira]

Local da recolha: Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

- Ó Bocage, de onde vens, para onde vais?

- Ó minha real senhora...

Eu venho do campo de Ourique

E vou para o campo Santana,

Vejo duas putas à janela,

No meio o real sacana!

(Que era, era o rei e a rainha, a filha) era assim... O Bocage tinha aquelas partes... não, não, era logo preso, logo, não pode repetir... ele, ele foi tentado para ele repetir, mas...

- Ó minha real senhora, uma, uma vez é por graça, outra vez é por chalaça!

As coisas têm, têm piada é a primeira vez.

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O Bocage e o rei]

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Depois o rei apanhou-o outra vez e disse:

- Ó Bocage, anda cá. Se responderes a esta, já não te procuro mais nenhuma.

- Então, diz o que é.

- Anda cá em cima.

Ele subiu as escadas, foi lá em cima, diz ele assim:

- Agora, tens que te jogar daqui para baixo. Tens-te safado de todas, mas agora...

- Daqui para baixo? É já!

Abalou, sobe para cima da janela para jogar-se.

- Se você me dissesse para pular lá debaixo cá para cima, isso é que eu não podia, mas daqui para baixo?

Fez logo coiso para jogar-se, diz:

- Ai, tu és capaz de lá debaixo, jogares-te cá para cima?

- Sim, senhor!

- Então, vai-te lá jogar.

Ele apanhou-se na rua e disse:

- Adeus, cá vou eu!

O rei nunca, depois nunca mais pode fazer figura nenhuma...

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O cigano esganado de fome]

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Um cigano começou a fazer filhos, fez tantos filhos que não tinha dinheiro para, para dar de comer aos filhos. Diz ele para a mulher:

- Ó mulher, tens que ir à procura aí de alguém que dê alguma coisa para arranjar comer para os filhos.

Diz ela assim:

- Está bem. Eu vou.

No outro dia, ela abalou à procura a ver de quem dava alguma coisa para dar de comer aos filhos. Foi à casa de um viúvo, estava sozinho, diz ela:

- Ó compadre, não me dá aí alguma coisinha para mim dar de comer aos meus filhos?

Diz ele:

- Dou-te, sim, senhor! Dou-te, mas tens que ir dormir uma folga comigo.

- Ai, não! E se o meu marido sabe?

- Não, o teu marido não sabe, deixa... deixa lá de coiso...

Tanto, tanto, tanto apertou com a cigana, que a cigana diz:

- Então, vamos lá.

Foi, lá dormiu a folga com a cigana, descansado. A cigana veio toda carregada de comer. Com garrafas de azeite e pão, e toucinho e tudo. O cigano todo contente e coiso... aquilo acabou-se. Diz, diz a cigana para ele:

- Olha, agora vais tu. Eu já fui, já trouxe, agora vais tu.

Vai, com quem havia de ele ir? Foi, encontrou com um que era paneleiro. Ora, lá começaram a conversa, ele a pedir, ele assim, ele assado. De um lado para o outro com o cigano. E diz, e diz o velho assim:

- Olhe, eu dou-te mas é isto... tens de fazer isto assim, assim...

- Está bem.

O cigano lá combinou com o velho e... Bumba! Lá foram para, para o trabalho. Nisto, chega o filho do homem, encontrou um cigano de porta a dentro com o pai, viu o cigano lá dentro, diz:

- Oi, tu vens para roubar?

Vai à rua buscar um pau, entra para dentro e diz:

- O que é que tu fazes aí? Salta daí para fora!

À medida que ele vinha saltando, uma castanha na cabeça, partiu-lhe os cornos ao cigano. Chegou o cigano a casa todo triste, todo coiso...

- Então, mulher?

- Ó marido, o que é que foi isso, homem? E coiso...

- Cala-te aí, homem, pois deram-me cabo da cabeça!

- Então, ainda ontem te pus os cornos, já hoje os partiste? [Risos]

(Cassete nº 6/2011/Elisabete Reis)<sup>6</sup>

**Coletora:** Então e os ciganos? Por que é que os ciganos também entram nas anedotas? Por que é que gozavam com eles?

**Informante:** Gozavam com eles porque os ciganos eram uma família que não trabalhava, viviam só com enganar, a enganar uns e outros. E, depois, toda a gente tinha zanga aos ciganos, porque não davam interesse ao país, não, não iam à tropa, não coiso... mas agora já tudo vai à tropa, já são batizados, já tudo...

---

<sup>6</sup> O comentário encontra-se numa cassete diferente daquela em que se encontra a anedota propriamente dita.

85

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O corno partido]

Informante: Francisco Mestre Santos

Idade: 82 anos

Profissão: [Reformado]

Naturalidade: S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez no quartel quando foi militar

[Residência: Quarteira]

Local da recolha: Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Como aquela do boi que foi lavrar e que encalhou no valado e partiu um corno. Foi lavrar e... com os bois e... aquilo é perto de um valado. O animal esbarrou e foi contra o valado, partiu um corno. E então o patrão queria que ele pagasse o coiso, deu cabo do boi (o valor do boi é os cornos!). E de maneira que foi para tribunal. O juiz andou com ele para trás e para diante. E diz ele:

- Então, afinal quem é que tem razão?

Ele diz:

- Ó senhor doutor juiz, o senhor é o boi, o senhor escorregou, partiu um corno, culpa tenho eu, tenho eu?

**Nota:** O informante afirma que havia algo pelo meio da história, mas que já não se lembra, ficando a anedota sem muita graça.

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O filho que não era do pai]

Informante: Jorge Manuel Granja Reis

Idade: 55 anos

Profissão: Motorista

Naturalidade: Quelfes, concelho de Olhão, distrito de Faro

Habilitações literárias: Tem a 4ª classe

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Isso é como essa do, do, do gajo que foi a tribunal. Tinha... era um casal que tinha um filho e o filho nasceu mulato. Tanto um como outro era branco. E então o gajo tinha que ser pai à força daquele moço. Ele disse:

- Não, então, o moço não é branco, é mestiço, isto não é meu!

E então foi, isso foi caso também para tribunal. Quando foi a tribunal o doutor juiz:

- Então, por que é que o senhor não quer dar o nome de pai àquele rapazinho, ao seu filho?

- Mas é que ele não é meu filho!

- Como é que não é seu filho?

- Então, oiça lá, senhor doutor juiz, você é branco, a sua mulher é branca, nasce um filho preto o que é que você diz?

Ah, não! Andava falando mal pela rua... assim é que é, primeiro andava falando mal pela rua e veio a polícia... assim é que é... e veio a polícia e disse assim:

- O senhor não pode andar na rua a falar mal.

E ele disse:

- Não posso porquê?

- Não pode, que isso é falta de respeito às pessoas.

E então, tanto, tanto, o homem explicou ao polícia:

- É que passa-se isto assim, assim...

E o polícia disse logo:

- Fonix!

Entretanto, como ele não podia andar falando, falando assim [mal], o polícia levou para a esquadra. Levou para a esquadra, foi a tribunal. E o juiz perguntou-lhe a ele no tribunal:

- Então, mas por que é que o senhor anda só falando mal?

Tanto, tanto até que ele lhe explicou essa situação que era:

- A sua mulher é branca, você é branco, nasce um filho preto...

O juiz falou mal também, disse logo:

- Fonix!

Lado A

Cassete nº2/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O inglês, o francês e o português]

Informante: Almerinda Charneca Leal Gago

Idade: 75 anos

Naturalidade: Bela Curral, freguesia da Conceição de Faro, distrito de Faro

Habilitações literárias: 4ª classe

Profissão: Costureira

Local da recolha: Boa Vista, freguesia de Quelfes, concelho de Olhão, distrito de Faro

Data da recolha: 16/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Havia, havia três homens, um inglês, um português e um francês... e queriam um quarto. O inglês foi e perguntou ao senhor se tinha um quarto. Foi um por si, não foram juntos. E diz... ele assim:

- Olhe, tenho ali um quarto.

E ele foi. Quando ele estava deitado e começa a ouvir:

- Estas não! Estas não! Estas não!

Ele teve medo e fugiu. Ele não foi ver as vozes, ele ouviu, teve medo e fugiu, tropeçou, caiu e morreu.

No outro dia, ou no outro, foi o francês. Foi o francês que queria um quarto, diz-lhe o senhor assim:

- Ah, eu tenho um quarto, mas já morreu lá um.

- Não importa, eu vou.

Foi, aconteceu o mesmo. Quando ele estava deitado, começou:

- Estas não! Estas não! Estas não!

Depois, ele veio-se embora, caiu, morreu e ficou o português. E vai o, o português foi pedir o quarto e senhor disse-lhe assim:

- Olhe, eu só tenho um quarto e já morreram lá dois.

Diz ele assim:

- Eu não vou morrer, que eu tenho músculos e eu sou forte!

Bom, e lá foi... estava deitado, começa outra vez a ouvir a mesma voz:

- Estas não! Estas não! Estas não!

Diz... ele pensou assim... [...] e então vai ele, levantou-se, pôs-se à escuta a ver de onde é que vinha as vozes. Quando ele vê que era do guarda fato. Ele lá foi, silencioso, abriu a porta e quando vê uma formiga grande em cima do, da roupa que estava dobrada, certamente eram cuecas e ele queria umas cuecas... a formiga queria umas cuecas, e ele conforme escorregava, que a formiga, que a formiga, formiga era grande, escorregava, a roupa escorregava e caía. Estas não... pois elas caíram... Depois é que ele vê, mas ele não morreu, que ele era português, tinha bom músculo!

**Nota:** A informante aprendeu a anedota com um rapazinho um dia antes de a coletora a gravar.

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O livro do racionamento]

Informante: Francisco Mestre Santos

Idade: 82 anos

[Reformado]

Naturalidade: S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez no quartel quando foi militar

[Residência: Quarteira]

Local da recolha: Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Mas a que eu sabia era, era a da cigana (naquele tempo, das senhas... quem não tinha senhas, não... as ciganas nunca tiveram senhas, eles não estavam registados... só quem estava registado é que tinha direito às senhas...) e, então, a cigana, a cigana foi lá para pedir comer, comer àquelas mercearias. E ele dizia:

- Aqui não há nada para ciganos, não há nada. Só se à noite vou lá dormir contigo ou tu vens aqui...

E foi falar ao marido:

- Ai, não, o meu marido matava-me logo! Não, não...

E, depois, ela foi contar:

- Olha, não trouxe coisa nenhuma, o que eles queriam era isto assim, assim.

Estas condições, eu disse que não, que tu não querias...

- Ó mulher, vai lá e traz alguma coisa de comida, que estamos todos, estamos a morrer de fome aqui.

E ela foi. Foi. Deus<sup>7</sup> lhe encheu a barriguinha e trouxe comida para cá. Mas aquilo deu por uns quantos dias, não é? E um dia ela estava fazendo fogo ali, no meio

---

<sup>7</sup> Na gravação, não se entende se é mesmo esta palavra que o informante diz.

da, debaixo de uma alfarrobeira (que naquele tempo não tinham casas, hoje já têm plásticos, têm tudo. Naquele tempo era, era, era assim, debaixo da... debaixo da... pois...). E de maneira que assando ao fogo, estava assim de pernas abertas e diz ele assim:

- Ó mulher, não queimes o livro do racionamento! [Risos]

**Informante:** Mesmo assim os ciganos ainda passaram uma vida terrível, agora não, agora já...

Lado A

Cassete nº2/2002/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O menino e o balão]

Informante: Maria do Carmo Rosa Martins

Idade: 71 anos

Naturalidade: Zambujal, freguesia de Alte, concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Doméstica

Habilitações literárias: Escola primária (4ºano)

Aprendeu com uma amiga da filha, que conhecia muitas anedotas e com homens mais velhos

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 28/12/2002

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Uma vez pela época do Natal houve uma senhora que foi a uma casa de compras de coisas para comprar um presente para o filho. E levou-o para ele escolher. Ele lá andou lá vendo e cobiçou um balão. E a mãe comprou-lhe o balão. E veio de lá brincou um tempo com o balão, mas depois de estar cansado quis guardar o balão. E a mãe disse:

- Escolhe um lugar bom porque isso rebenta fácil.

E o menino andou à procura andou, andou e não encontrou mais lugar nenhum senão o bacio debaixo da cama da mãe, para pôr o balão, pensando que ali ninguém iria encalhar no balão.

Depois de noite a mulher deu-lhe, deu-lhe vontade de fazer chichi, levantou-se e foi fazer chichi. Viu aquilo ao de cima e disse ao marido:

- Ai, marido, eu deitei qualquer coisa de dentro não sei o que é!

Lá estiveram vendo, não achavam jeito:

- Olha, temos que ir ao médico ver o que é que ele diz que isso que é.

O médico lá pegou numa pinça, começou a andar a mexer de um lado para o outro, de um lado para o outro até que furou. Aquilo rebentou, saltou urina por todo o lado e depois disse assim:

- Olhe, minha senhora, sabe o que a senhora deitou? Foi um peido com casca.

[Risos]

90

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O padre e o azeite]

Informante: Francisco Mestre Santos

Idade: 82 anos

Profissão: [Reformado]

Naturalidade: S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez no quartel quando foi militar

[Residência: Quarteira]

Local da recolha: Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

O padre criou, criou uma menina pequenina lá na igreja. Criou pequenina e quando ela já era crescadinha, já coiso... o gajo queria-a para ele. O padre queria-a para ele. E de maneira que um dia o padre leva um frasquinho com azeite, com azeite. Diz ela, a menina diz assim:

- Ó padrinho, para que é que você quer isto?

- Ah, isto é para isto, para deslizar melhor e tal...

E diz [ela]:

- Mas fulano não usa isso. Não, não precisa pôr azeite...

91

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O padre e o rapaz]

Informante: Francisco Mestre Santos

Idade: 82 anos

Profissão: [Reformado]

Naturalidade: S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez no quartel quando foi militar

[Residência: Quarteira]

Local da recolha: Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Há tipos que no outro tempo gozavam com os padres. Pois um, pois um, um que:

- Se fosse a ti, ia-te mandar, ia-te confessar ao padre. Tens feito muitos pecados e coiso...

- Ah, eu cá vou experimentar, o que é que aquilo dá.

Falou com o padre tal dia, àquela hora, lá apareceu o tipo... diz ele assim:

- Senhor prior, eu venho para me confessar.

- Então, vá ali, para ali, sente-se ali que eu vou já atendê-lo.

Começou a explorá-lo, a explorá-lo, que ele também era mais ladrão que o raio que o parta, esse gajo! E diz ele:

- Ó senhor prior, o que o senhor diz eu não oiço nada, nada, o que o senhor prior está dizendo. Nada. mas se você quer comprovar, ponha-se aqui deste lado, ponha-se deste lado aqui e eu vou lá para aquele lado.

E, depois, foi. Fizeram um truque, o padre com ele. Diz-lhe ele, diz ele... o gajo começou a falar de certas coisas, diz ele assim:

- Oi, o senhor prior é amigo de fulana tal, o marido está aí... e você é amigo de fulana tal...

E diz ele:

- Ó pá, diz a verdade, aquilo, aquilo não se ouve nada deste lado...

Não ouviu que era a conversa que não lhe agradava. Pois... pois e o garoto fartou-se de rir com aquilo.

**Informante:** Lá para o norte os, os, os nortenhos entregavam as mulheres ao padre, não sei se sabe, é uma história. Iam todos para o Brasil, entregavam a mulher. Ele tinha, aquele padre tinha aquelas mulheres todas por conta dele. Era, era, naquele tempo, era assim. Não, não, não era pecado! Era assim. Elas não tinham cá o marido, o marido tinha...

Lado A

Cassete nº1/2003/Paula Almeida

Classificação: Anekdota

Título: [O presidente George Bush]

Informante: Fátima de Jesus Teles Varela Pintão dos Reis

Idade: 30 anos

Naturalidade: S. Lourenço/ Portalegre

Residência: Faro

Profissão: Professora primária

Habilitações literárias: Licenciatura

Data da recolha: 30/01/2003

Coletora: Paula Maria Santos Almeida

Transcrição:

O Presidente George Bush, para aumentar a sua popularidade, foi visitar uma escola de pequeninos e resolveu falar com as crianças, dar-lhes abertura para fazerem perguntas e, então incentivou as crianças a perguntar o que quisessem. E o menino Bob tomou palavra e disse:

- Senhor Presidente. Eu gostava de lhe colocar três questões. A primeira é: como é que, mesmo perdendo nas urnas, ganhou as eleições? A segunda: porque é que insiste tanto em atacar o Iraque? E a terceira... não acha que a bomba de Hiroshima foi o maior ataque terrorista da história?

Nesse momento tocou a campainha para o recreio. E, quando voltaram, o Presidente voltou a incentivar as crianças a colocarem questões. Desta vez, o pequenino Joe diz ao Senhor Presidente:

- Eu tinha cinco questões. A primeira é: como é que, mesmo perdendo nas urnas, ganhou as eleições? A segunda: porque insiste tanto em atacar o Iraque? A terceira: não acha que a bomba de Hiroshima foi o maior ataque terrorista da história? A quarta: porque é que hoje a campainha tocou 20 minutos mais cedo? E a última: onde é que está o meu amigo Bob?

Lado A

Cassete nº1/2003/Paula Almeida

Classificação: Anekdota

Título: [O que é a política, pai?]

Informante: Fátima de Jesus Teles Varela Pintão dos Reis

Idade: 30 anos

Naturalidade: S. Lourenço, Portalegre

Profissão: Professora primária

Habilitações literárias: licenciatura

Residência: Faro

Data da recolha: 30/01/2003

Coletora: Paula Maria Santos Almeida

Transcrição:

Uma criança chega ao pé do pai e diz-lhe:

- Pai, preciso de fazer um trabalho para a escola. Posso fazer-te uma pergunta?

- Claro, filho. Qual é a pergunta?

- O que é a política, pai?

- É muito simples. A política envolve cinco fatores. Um é o povo, o governo, o poder económico, a classe trabalhadora e o futuro do país.

- Não entendi papá. Podes explicar melhor?

- Bom. Então, vou usar o exemplo da nossa casa. Sou eu quem traz o dinheiro para casa. Então, eu sou o poder económico. A tua mãe administra e gasta dinheiro. Ela é o Governo. Como nós cuidamos das tuas necessidades, tu és Povo. O teu irmãozinho é o futuro do país. E a Zezinha, a nossa empregada, é a classe trabalhadora.

- Eu não percebi muito bem, papá, vou pensar...

Naquela noite, o menino acorda com o irmão mais novo a chorar. Ao ir ver o que se passa, o bebé tinha sujado a fralda e estava todo borrado. Então, ele foi ao quarto dos pais e viu que a sua mãe estava num sono muito pesado. Foi ao quarto da empregada e viu o pai deitado com a empregada. Ele bateu à porta mas, realmente, ninguém se apercebeu. Então, ele voltou para o quarto e dormiu.

Na manhã seguinte, à hora do pequeno-almoço, ele disse ao pai:

- Papá, acho que, finalmente, entendi o que é a política.
- Muito bem, filho. Então, explica-me lá por palavrinhas tuas.
- Bom. Eu acho que é assim. Enquanto o poder económico explora a classe trabalhadora, o governo dorme profundamente, o povo é totalmente ignorado e o futuro do país fica na porcaria. [Risos]

Lado A

Cassete nº3/2003/Elisabete Reis

Classificação: Anekdota

Título: [Os dois algarvios vão a Beja]

Informante: Joaquim Mendes Martins

Idade: 72 anos

Naturalidade: Maceira (Alte), concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Foi moleiro

Habilitações literárias: 4ª classe

Aprendeu com os avós e os amigos

Local da recolha: Mesquita (Tôr), Concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 03/01/2003

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Havia uma vez dois colegas que foram à feira de Beja e depois andavam lá passeando na feira e diz um assim:

- Oh, que lindos porcos que estão ali! Eu vou comprar um porco.

Diz-lhe o camarada:

- Pois compra.

Bem comprou um porco e depois de ter comprado o porco diz o camarada assim:

- Então, e agora como é que levas o porco dentro na camioneta para o Algarve?

- Deixa que eu desenrasco-me. Então ali à tarde, à hora da camioneta, eu levo o porco despiu o casaco vestiu o casaco no porco, tirei a boina da cabeça pus na cabeça do porco. E entrei para dentro da camioneta e sentei-me no banco de trás. E ali vinha com o porco no colo (o porco era muito mansinho, o porco não, não fazia barulho nenhum e ninguém sabia se era porco que eu trazia ali). Chego ali a Castro Verde a guarda da brigada de trânsito faz parar o autocarro. E um entrou pela porta da frente e outro entrou pela porta de trás, e depois o que entrou por a porta de trás viu-me com o porco no colo, com a boina na cabeça com o casaco vestido saiu, vá de rir. Diz-lhe o camarada:

- Mas o que é que ele está a rir?

Ele chamou o camarada e disse:

- Anda cá, entra lá aí para dentro da camioneta.

Ele entrou para dentro da camioneta e depois de entrar dentro da camioneta saiu a rir também.

- Então, o que é que tu viste?

- Ai, o que é que eu vi? Olha que eu tenho visto alentejanos feios como este ainda não vi nenhum.

Lado A

Cassete nº1/2003/Paula Almeida

Classificação: Anedota

Título: [Os primeiros-ministros inglês e português]

Informante: Fátima de Jesus Teles Varela Pintão dos Reis

Idade: 30 anos

Naturalidade: S. Lourenço, Portalegre

Residência: Faro

Profissão: Professora primária

Habilitações literárias: Licenciatura

Data da recolha: 30/01/2003

Coletora: Paula Maria Santos Almeida

Transcrição:

O Presidente dos Estados Unidos faleceu na mesma altura que o Primeiro-ministro Inglês e o nosso Primeiro-ministro, Durão Barroso. E, então, encontraram-se os três no inferno. E o George Bush estava muito curioso em saber como é que o país tinha ficado agora que ele tinha morrido de uma forma tão repentina e resolveu pedir ao, ao diabo se podia fazer uma chamada para a América para saber como é que estava o país. Esteve três minutos ao telefone e pagou uns milhões, um balúrdio de dinheiro.

E o Tony Blair também queria saber como é que tinha ficado o seu país. Fez uma chamada de 5 minutos e a conta, então, foi mesmo astronómica.

E o nosso Primeiro-ministro, Durão Barroso, como também queria saber como é que tinha ficado o nosso país, pediu também autorização para fazer uma chamada e esteve cerca de três horas ao telefone. Quando pediu a conta, o diabo apresentou-lhe uma conta de três euros e cinquenta cêntimos? E ele ficou extremamente curioso e disse:

- Olhe, desculpe, mas os meus colegas estiveram pouquíssimos minutos ao telefone e pagaram milhões. Como é que eu, estando três horas ao telefone, pago três euros e cinquenta?

Ao que o diabo respondeu:

- É que de inferno para inferno a chamada é local. [Risos]

Lado A

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [O trapezista]

Informante: Jorge Manuel Granja Reis

Idade: 55 anos

Profissão: Motorista

Naturalidade: Quelfes, concelho de Olhão, distrito de Faro

Habilitações literárias: Tem a 4ª classe

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Um casal era todos, todos, todos os nove meses tinham um filho. E, então, aquilo chegou a um ponto que não tinham dinheiro para comprar comida para os moços. E então diz ele:

- Bom, isto agora, tenho que passar a jogar estes gajos fora, que isto já não fazem... isto já está tudo na desgraça...

E, então, o que é que ele faz? Mas os filhos anteriores, que tinham nascido, era tudo maluco, era tudo parvo da cabeça, nenhum era certo. E então, diz ele:

- Não, eu já não faço mais filhos assim. Então, isto é tudo uma cambada de gaseados que aqui estão, malucos.

Ele chega-se lá ao pé de um monte de espregueiras, estava com vontade, começou a tocar ao ganço e psst... lá vai ele! Foi cair em cima da, da espregueira. E então ficou pendurado, ali enleado, ali por aquelas coisas. Dizia o pai, dizia o pai assim:

- Eh, raios te partam! Agora que eu tinha um filho inteligente, que ia para o circo, que era trapezista, é que joguei fora!

Aquele era trapezista...!

97

Lado A

Cassete nº2/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anedota

Título: [Ponta Delgada]

Informante: Almerinda Charneca Leal Gago

Idade: 75 anos

Naturalidade: Bela Curral, freguesia da Conceição de Faro, distrito de Faro

Habilitações literárias: 4ª classe

Profissão: Costureira

Local da recolha: Boa Vista, freguesia de Quelfes, concelho de Olhão, distrito de Faro

Data da recolha: 16/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Por que é que qualquer mulher não gosta da ilha dos Açores?

Porque a ilha dos Açores tem a Ponta Delgada e as mulheres não gostam de ponta delgada.

**Nota:** A informante acrescentou que as anedotas e as adivinhas surgiam em ambiente de trabalho como costureira na Austrália com as colegas. Segundo ela, era para passar o tempo e como umas puxam as outras, as anedotas e as adivinhas surgiam “como as cerejas”.

Lado B

Cassete nº6/2011/Elisabete Reis

Classificação: Anekdota

Título: [Todos saem com a sua]

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Profissão: Pedreiro [reformado]

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 10/07/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Quando começavam a contar, um contava uma, outro contava outra e as velhas depois diziam: Todos saem com a sua,/ Só a minha filha não sai com a dela.<sup>8</sup>

Queria dizer, cada um contava a sua história só a filha é que não saía com a dela, mas como elas não [...] e atrapalhavam-se, dizia [...].

---

<sup>8</sup> Esta expressão “com a dela” dita rapidamente parece “cadela”, daí o jogo de palavras.

Lado B

Cassete nº1/2004/Cláudia Santos

Classificação: Anedota

Título: Uma promessa

Informante: Maria Luísa do Carmo Madeira

Idade: 74 anos (1930)

Naturalidade: Manta Rota, concelho de Vila Real S. António, distrito de Faro

[Profissão: A informante trabalhava no campo na apanha de figos, de amêndoas e da alfarroba]

[Habilitações literárias: 3º ano de escolaridade]

A informante comentou que esta anedota é muito antiga e a associa aos anos da guerra do Ultramar (em Angola e também noutros países africanos)

Local da recolha: Concelho de Vila Real de Santo António

Data da recolha: 21/11/2004

Coletora: Cláudia Sofia Cabrita dos Santos

Transcrição:

Era uma vez uma mãe que tinha um filho... isto, isto é uma, isto é uma... uma anedota. Isto é uma anedota. Isto foi nos anos da guerra de Angola. Pode pôr aí que foi nos anos da guerra da Angola. Esta, esta anedota que foi o título: Uma promessa.

Então, a mãe disse para o filho:

- Ó filho – chorou muito quando o filho se foi embora para Angola e pediu à Nossa Senhora dos Mártires, em Castro Marim, se o filho voltasse da guerra são e salvo de ir pagar uma promessa à Nossa Senhora quando fizessem uma festa.

Os anos passaram-se, o filho veio são e salvo e a mãe nunca mais se resolvia a ir pagar a promessa. E cada vez a velha estava mais velha.

E então, um dia, diz a mãe para o filho:

- Ó filho, amanhã é a festa da Nossa Senhora dos Mártires, sai a procissão e amanhã é que eu vou pagar... resolver a pagar a minha promessa porque acho que já é tempo posso morrer... não é verdade filho? É melhor assim...

- Está bem, minha mãe.

Então, a senhora vestiu-se, ia na procissão com uma vela na mão e começa a chover. E levavam uma grande... Naquele tempo... isto é tão... já muito antigo, mas eram com as vestes desta gente... é que é antigo, a promessa não é assim muito antiga, foi no tempo da guerra de Angola. Mas as vestes que as senhoras, que a senhora usava eram antiquíssimas, muito antigas, antigas... aquelas saias rodadas, que usavam no outro tempo, com saiote, e saia sobre saia, pareciam, pareciam as mulheres da Nazaré.

E, então, a senhora, começa a chover e levanta as saias e joga por cima da cabeça, para cobrir a cabeça, para não apanhar chuva. O resto do povo que ia acompanhando a Nossa Senhora, a procissão, vá de rirem, vá de rirem. E a senhora com a sua fé dela, com a sua velinha na mão, a rezar, a oferecer à Nossa Senhora a sua promessa, não se importou com isso. Acabou de pagar a promessa, foi para casa e disse:

- Ó meu filho, então eu fui pagar a minha promessa, venho tão satisfeita, mas o que é que aquela... Eu com tanta fé a rezar, o que é que aquela gente se ria? Estava tudo a rir. Só rir, só gargalhadas...

- Ó minha mãe, então não haviam de rir? Então você ia com o cu à mostra!

- Ó filho, então, e tu não me disseste nada para eu me tapar?

- Ó minha mãe, então eu sabia lá como é que a mãe pediu a promessa, se era para ir com o cu à mostra, tapado ou destapado?!

**100**

Lado A

Cassete nº1/2003/Paula Almeida

Classificação: Anedota

Título: [Um jantar na Casa Branca]

Informante: Fátima de Jesus Teles Varela Pintão dos Reis

Idade: 30 anos

Naturalidade: S. Lourenço/ Portalegre

Residência: Faro

Profissão: Professora primária

Habilitações literárias: Licenciatura

Data da recolha: 30/01/2003

Coletora: Paula Maria Santos Almeida

Transcrição:

Num jantar, na Casa Branca, Tony Blair falava de uma forma muito animada com o George Bush e, durante o jantar, eram gargalhadas, era gesticular de uma forma muito feliz, realmente. E um dos convidados abordou-os e perguntou-lhe:

- Ah, eu peço desculpa de interromper. Mas, estão a falar há tanto tempo de uma forma muito animada. Pode-se saber o conteúdo da conversa?

- Sim, sim. Nós estamos a planear a Terceira Guerra Mundial. Estamos aqui a fazer os planos.

- Ah! Fantástico! E pode-se saber qual é a primeira medida?

- Claro. Vamos matar catorze milhões de muçulmanos e um dentista.

E o convidado respondeu:

- Um dentista?

E o Tony Blair dá uma palmada no George Bush e diz:

- Vês? Ninguém se ia importar com os muçulmanos! [Risos]